TEATRO

★ ★

do Romantismo aos nossos dias. CENTO

UCHON01635

uma antologia
seleccionada, prefaciada e anotada
por

LUIZ FRANCISCO REBELLO

PORTUGUÊS

E VINTE ANOS DE LITERATURA TEATRAL PORTUGUESA

TEATRO PORTUGUÊS

ESTA OBRA É UMA EDIÇÃO DO AUTOR ORGANIZADA GRAFICAMENTE POR VICTOR PALLA, DISTRIBUIDA PELO CIRCULO DO LIVRO, LDA. E COMPOSTA E IMPRESSA POR SCARPA, LDA., RUA DAS FLORES, 43, EM LISBOA. DELA SE FEZ UMA TIRAGEM ESPECIAL DE 90 EXEMPLARES, NUMERADOS DE I A XC (OS ÚLTIMOS DEZ FORA DO MERCADO), IMPRESSA EM OFF-SET 140, RUBRICADOS PELOS AUTORES E COM UMA GRAVURA DE AUGUSTO GOMES

★★

do Romantismo aos nossos dias

2.° volume

Raul Brandão

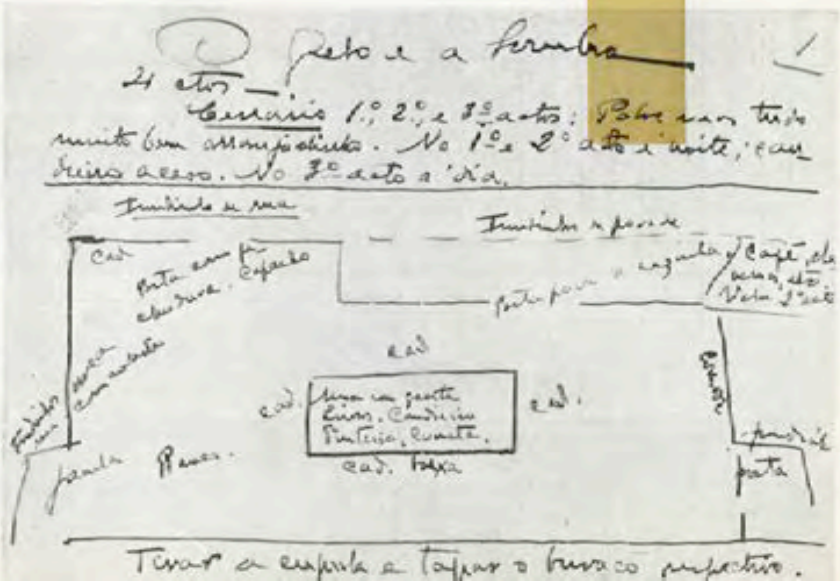
Raul Germano Brandão nasceu a 12 de março de 1867, na Foz do Douro, e faleceu em Lisboa a 5 de dezembro de 1930.

Obras principais: Teatro — Noite de Natal *(Teatro de D. Maria II, 1899)* e O maior castigo *(Teatro de D. Amélia, 1902), peças em 3 actos, ambas de colaboração com Júlio Brandão;* O Doido e a Morte, *farsa em um acto (Teatro Politeama, 1926)* e O Gebo e a Sombra, *peça em 4 actos (Teatro de D. Maria II, 1928), publicadas em volume juntamente com o monólogo* O Rei Imaginário *(1923);* Jesus Cristo em Lisboa, *tragicomédia em 7 quadros, de colaboração com Teixeira de Pascoaes (publicada em 1927);* Eu sou um homem de bem, *monólogo (publicado na «Seara Nova» em 1927);* O Avejão, *episódio dramático em um acto (Conservatório Nacional, 1931; publicado em 1929).*
Outras obras: Impressões e paisagens *(1890);* A história duma palhaço *(1896);* O Padre *(1901);* A Farsa *(1903);* Os Pobres *(1906);* El-Rei Junot *(1912)* e A Conspiração de 1817 *(1914), estudos históricos;* Húmus *(1917);* Memórias, *1.º e 2.º volumes (1919 e 25);* Os Pescadores *(1923);* A Morte do Palhaço e o Mistério da Árvore e As Ilhas Desconhecidas *(1926);* Portugal pequenino, *em colaboração com Maria Angelina Brandão (1930);* O Vale de Josafat *(3.º volume das* Memórias, *1933).*

Pràticamente ignorado, no tempo em que surgiu, do público frequentador das salas de espectáculos — a não ser por algumas ocasionais representações promovidas por Araújo Pereira com os seus alunos do «Teatro Juvénia» e com Alves da Cunha no Teatro Nacional (O Gebo e a Sombra, *1928*) *— o teatro de Raul Brandão, como aliás também a sua obra romanesca, vem despertando um interesse crescente nas gerações mais jovens, que nele encontram um prenúncio angustiado das suas inquietações actuais e, no plano estilístico, um desvio da linha naturalista a que a nossa literatura tão prolongada fidelidade tem mantido. Como nos seus romances — tão pouco obedientes à estrutura novelesca tradicional — exprime-se no seu teatro aquela «visão apocalíptica da condição humana a que não faltou o mais desenfreado dos sarcasmos», lùcidamente discernida por Jorge de Sena ao enquadrar a obra complexa de Raul Brandão num panorama coordenado da literatura portuguesa entre o princípio e o meio do século.*
Toda a sua obra se alicerça numa dicotomia entre o «ser» e o «existir», assumida numa perspectiva filosófica a que sem esforço poderemos chamar (e assim, com efeito, a propósito de uma reposição, verificada em 1958, de O Gebo e a Sombra, *lhe chamou Urbano Tavares Rodrigues) existencialista, e se resolve numa tensão de forças contrárias que aspiram a um equilíbrio recusado. A trágica opção proposta no* Diário de K. Maurício *(em* A Morte do Palhaço*) — «resta-te entrares na vida prática, seres nulo e banal, ou morreres» — paralela da que, por exemplo, um Robert Musil expressaria ao escrever, pela mesma época, que «em face deste mundo ignóbil não existe outra alternativa senão uivar com os lobos ou perder a razão», culmina, dramàticamente, na irrisória e grotesca metamorfose final de* O Gebo e a Sombra, *na sarcástica explosão de* O Doido e a Morte, *um dos raros momentos verdadeiramente geniais do nosso teatro, e na dolorosa, acerba ironia de* O Avejão.
Publicado em livro um ano antes da sua morte, este breve «episódio dramático» — como o classificou Raul Brandão — só no ano seguinte subiria à cena pela primeira vez, ainda graças a Araújo Pereira, que o fez representar pelos alunos do curso nocturno do Conservatório, em 10 de junho de 1931, sendo seus intérpretes Sara de Melo (A Velha), *António Vitorino* (o Avejão), *Silva Ferreira* (o Sr. Caetano), *Elvira Torres dos Santos, Emília Araújo Pereira e Olga de Serpa Coutinho* (1.ª, 2.ª e 3.ª Velhas) *e Maria Silva* (a Criada).

Raul Brandão

Retrato por Tagarro; Carmen Dolores e Rogério Paulo em *O Gebo e a Sombra* (1958); plantação de cena para a mesma peça, por Araújo Pereira (1928)



Raul Brandão

O AVEJÃO

Personagens:

A VELHA.
O AVEJÃO.
O SR. CAETANO.
TRÊS VELHAS.
A CRIADA.

ACTO ÚNICO

Quarto de cama antiquado com oratório e cama de pau santo. A moribunda dormita numa poltrona. Ao lado a criada faz meia. Afastado, um grupo de três velhas antidiluvianas escuta um homem imponente que discursa. Uma delas traz um grande lenço vermelho na mão. É noite. Falam baixo.

SR. CAETANO: Tudo correcto, tudo muito correcto.

PRIMEIRA VELHA: Tudo na ordem.

SR. CAETANO: Confissão, testamento, agonia. Está pronta para subir ao Céu. Só lhe falta voar.

SEGUNDA VELHA: Foi uma santa!

SR. CAETANO: Diz muito bem. Foi uma santa correcta, uma santa modelar.

TERCEIRA VELHA: Apoiado!

SR. CAETANO: Não me interrompam... Uma vida de sacrifício, inteiramente dedicada a obras piedosas. Só asilos dirigiu três e duas sopas económicas. E que austeridade! Não há uma falha nesta existência. Uma! Ninguém como ela merece o nome glorificador de santa.

SEGUNDA VELHA: Pudéssemos nós dizer o mesmo. Aquela vai vestida e calçada para a suprema ventura. Um coro de anjos já a espera lá em cima com a coroa celestial preparada.

PRIMEIRA VELHA *(escutando)*: Já tem *panela*...

SR. CAETANO *(severo)*: Deixemos essas coisas materiais que não nos devem preocupar. O que ali está é uma alma. Uma alma e mais nada. Todos a vimos edificar dia a dia a sua existência espiritual, já organizando uma colecção de pobres, dentre aqueles que pela sua religião, pela sua humildade merecem este nome tão evangélico de pobres...

PRIMEIRA VELHA *(entusiasmada)*: Muito bem! Muito bem!

SR. CAETANO: ...já resistindo aos impulsos e quebrando todos os laços — até os da família — para chegar à suprema perfeição.

TERCEIRA VELHA: E o testamento? E o testamento?

SR. CAETANO: Muito correcto, também. Deixa quase toda a sua importante fortuna À obra da conversão dos ímpios e o resto ao Banco Comercial, para ser administrado por homens de reconhecida capacidade.

PRIMEIRA VELHA: Lá isso de bancos e de comércio, para uma santa, não me parece bem.

SR. CAETANO *(severo)*: Ora essa, minha senhora, o comércio é o sangue duma nação.

SEGUNDA VELHA: Muito bem fala este senhor Caetano. É um regalo ouvi-lo.

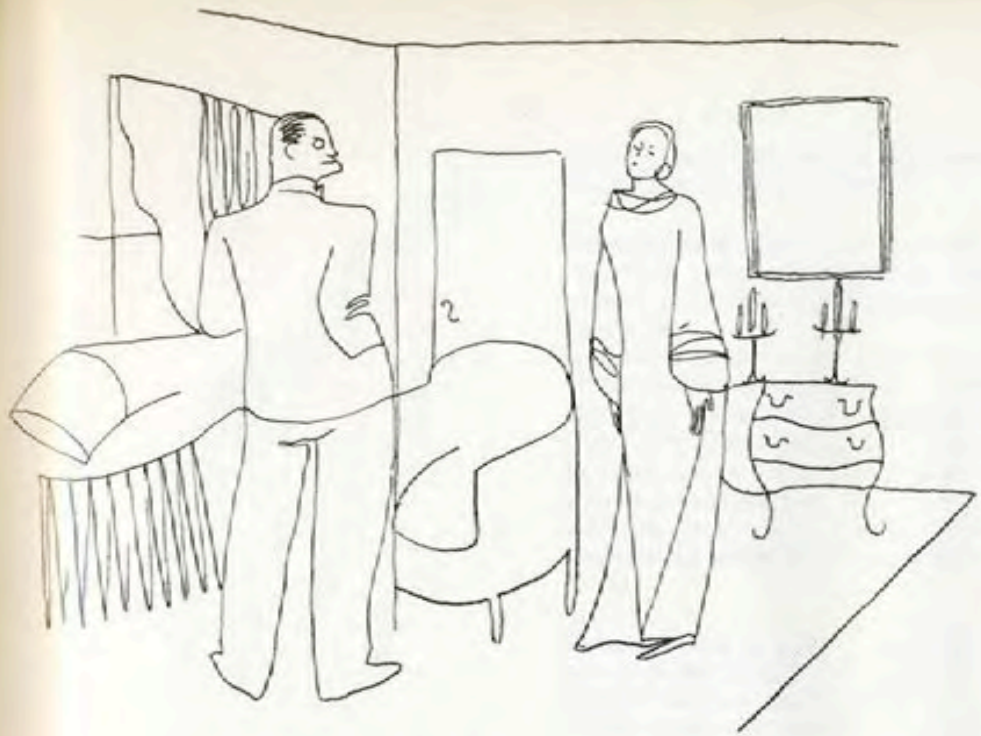
(A terceira velha, que traz o lenço na mão, puxa pelo casaco do sr. Caetano.)

TERCEIRA VELHA *(bairrinho)*: Agora?

SR. CAETANO: Ainda não. Amarrar-lhe os queixos, por ora não. Esperemos o último transe, para que não apareça descomposta na outra vida.

PRIMEIRA VELHA: Ela ouvirá?

SR. CAETANO: Não ouve nada. Está sonolenta. Já não percebe nada. É o que propriamente se chama um coma.



Três Dramaturgos dos anos 30

Amélia Rey-Colaço e Raul de Carvalho em *Desencontro*, de A. Vieira Pinto (desenho de Paulo Ferreira, 1935); Ilda Stichini e Alves da Costa em *Alfama*, de A. Botto (T. de S. Carlos, 1933); Maria Lalande em *S. João subiu ao Trono*, de C. Amaro (1931)

ÍNDICE

Prefácio: Cento e Vinte Anos de Literatura Teatral Portuguesa VII

Introdução IX

1. *Interrogação sobre a existência de um teatro português — O teatro e a sociedade portuguesa* XIII
2. *Síntese histórica: de Gil Vicente a Garrett* XV
3. *Garrett e a restauração do teatro português* XVI
4. *Primeiros encontros de Garrett com o teatro — A tragédia* Catão *e a geração liberal de 1820 — O exílio* XVII
5. *O* Auto de Gil-Vicente, *início do teatro romântico — Dramas históricos — Uma obra-prima: o* Frei Luís de Sousa *— As últimas peças de Garrett* XIX
6. *O equívoco do teatro histórico ultra-romântico* XXI
7. *O melodrama histórico da década de 1839-50* XXIII
8. *O melodrama social do meio-século — Gomes de Amorim, Camilo e a caricatura do ultra-romantismo* XXVIII
9. *A comédia de costumes — Pinheiro Chagas e a sublimação do ultra-romantismo* XXXII
10. *A questão do «Bom Senso e Bom Gosto» — A «geração de 70» e o teatro* XXXIII
11. *Outros encontros da «geração de 70» com o teatro* XXXVII
12. *Realismo e naturalismo — O anti-clericalismo no teatro português* XXXIX
13. *Revivescência do teatro histórico — A* Pátria *de Junqueiro* XLI
14. *O realismo dos* Velhos *de João da Câmara — Naturalismo em Marcelino Mesquita, Lopes de Mendonça e Júlio Dantas* XLV
15. *Renovação da farsa com Gervásio Lobato e da comédia com Schwalbach — Dois géneros menores: a opereta e a revista* XLVII

16. *O naturalismo entre 1900 e 1914 — Dois dramaturgos por acidente: Malheiro-Dias e Teixeira-Gomes* XLVIII
17. *O «Teatro Livre» e um dramaturgo: Manuel Laranjeira — O «Teatro Moderno» e um encenador: Araújo Pereira* L
18. *Vestígios do simbolismo em João da Câmara — O naturalismo impressionista de Raul Brandão* LIII
19. *Dramaturgia simbolista de Eugénio de Castro, Fernando Pessoa e António Patrício* LIV
20. *Situação do teatro português entre 1918 e 26* LVI
21. *Tendências dramatúrgicas do após-guerra: Revivescência do teatro histórico e teatro regional* LVIII
22. *Tendências dramatúrgicas do após-guerra: A sátira de costumes* LIX
23. *O teatro de Alfredo Cortez* LXII
24. *A dramaturgia existencial de Raul Brandão — Teixeira de Pascoaes e o teatro* LXIII
25. *O teatro português na década de 30* LXV
26. *O modernismo no teatro português* LXVIII
27. *O «Estúdio do Salitre» e o movimento experimental* LXXII
28. *Situação actual do teatro português* LXXIII
29. *O neo-realismo e o teatro — Autores contemporâneos* LXXVIII
30. *Conclusão* LXXIX

Antologia:

Almeida Garrett: Um Auto de Gil-Vicente 1
Gomes de Amorim: Fígados de Tigre 21
Camilo Castelo Branco: O Morgado de Fafe em Lisboa 53
Pinheiro Chagas: A Morgadinha de Valflor 71
Gervásio Lobato: O Festim de Baltasar 105
Marcelino Mesquita: Dor Suprema 121
D. João da Câmara: Triste Viuvinha 143
Manuel Fernandes Laranjeira: ...Amanhã 171
Henrique Lopes de Mendonça: O Azebre 189
Eduardo Schwalbach: Os Postiços 217
Fernando Pessoa: O Marinheiro 275
Vitoriano Braga: Octávio 283
Carlos Selvagem: Entre Giestas 303
António Patrício: D. João e a Máscara 341
Ramada Curto: O homem que se arranjou 371
Raul Brandão: O Avejão 397
António Botto: Alfama 403
Alfredo Cortez: Gladiadores 427
Vasco Mendonça Alves: Meu amor é traiçoeiro 449
Olga Alves Guerra: Tempos modernos 473
Joaquim Paço d'Arcos: O Ausente 493

Alves Redol: Maria Emília 519
Branquinho da Fonseca: Curva do Céu 529
José Régio: Benilde ou a Virgem-Mãe 535
Almada Negreiros: Antes de começar 559
João Pedro de Andrade: Continuação da comédia 567
Jorge de Sena: Amparo de Mãe 575
Luiz Francisco Rebello: O dia seguinte 581
Bernardo Santareno: A Promessa 597
Costa Ferreira: Um homem só 623

Nota Final
Nota Bibliográfica
Índice dos Nomes Citados no Prefácio

Principais Correcções

Página	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
NO PREFÁCIO			
XVII	33	— composta em 1817, aos 18 anos —	— composta entre 1818 e 1820 —
XVII	36	1811	1816
XVII	37	quatro ou cinco anos depois	um ou dois anos depois
XVII	37	Como também não chegaram até nós	Apenas chegaram até nós
XXI	11	1948	1848
XXV	16	includo	incluído
XXVI	33	realidade	natureza
XXXVIII	18	de Dumas (1870)	de Dumas filho (1870)
LII	7 e 8	Mário Allen	Mário Gollen
LIII	39	com seu irmão Júlio,	com Júlio Brandão,
LV	24	distintas do	distintas da do
LXI	12	(1931)	(1932)
LXI	30	(n. em 1887)	(n. em 1883)
LXIII	8	publicada também em 1939	publicada em 1944
LXVII	15	(n. em 1909)	(n. em 1908)
LXXI	20	obsediante	obsidiante
NA ANTOLOGIA			
1	39	Coisas e sérias	Coisas sérias
121	10-11	Uma anedota, Calvário	Uma anedota, *episódios em 1 acto* (1902); O Rei Maldito, *peça histórica em 5 actos*, e A Noite do Calvário
121	31	*solicitados, por*	*solicitados por*
187	19 (3.ª coluna)	para todas!	para todos!
353	1-2 (2.ª coluna)	passam assas	passam asas
371	9	Voz da cidade *(1953)*	Voz da cidade *(1952)*
427	7	*Henri Josset*	*André Josset*
575	17	*causa*	*acusa*
575	18-19	*épocas «ad libitum», permutáveis*	*épocas, «ad libitum» permutáveis*
581	22	*(1960)*	*(1961)*
582	3	vento de angústia	vento da angústia

Na primeira página de gravuras dedicada a João da Câmara, a legenda alude por lapso ao actor João Rosa no papel de Afonso VI, quando deveria dizer-se: Augusto Rosa no papel de Simão Peres do drama *Afonso VI*.